

# UMA ESCOLHA PELO NATAL

## Texto

Maria Andrade Paiva  
Paulo Gonçalves

## Ilustrações

Ana Filipa Olímpio



Aquele inverno fora ainda mais difícil que os anteriores. O mar estava proibitivo e os barcos recolhidos na parte alta da praia. Teresa olhava tristemente a sua aldeia, encastelada numa colina íngreme, sobranceira ao mar.

Naquela admiração, não teve como não se emocionar. No pasmar do recanto que cada canto lhe trazia à memória. Na saudade de voltar ao mar e ancorar o seu coração junto do seu barco de nome 'Luar'.

Em breve estava-se no Natal. Os lábios esboçaram algo parecido com um sorriso. Barcos em terra, frio e fome nos corpos cansados dos habitantes da aldeia. Não se ouviam crianças no recreio da escola. A escola era mais um barco a envelhecer em terra. De manhã muito cedo, as crianças apanhavam o autocarro que as levaria para a nova escola a 15 km de distância. No final do dia regressavam. Com fome e sono. Sem vontade de brincar.



À luz dos candelabros em tempos de frenética correria, pouco se viam os preparativos para o tempo natalício. Os adultos pouco sentiam as crianças. Era nulo, o silêncio que ali se encontrava. Como uma abóboda embebida num corpo celeste que procura abrigo e memórias. Eram noites gélidas, despidas de tempo para estar. Teresa sabia exatamente como gostava que fosse o Natal que se aproximava. Não há como tirar a imaginação, o descuidar dos desejos e forma pouca geométrica do viver.

Colocou a máscara e regressou a casa. Na sua cabeça peregrinava uma ideia relativamente aos irmãos mais novos. Queria muito que o Natal fosse um momento de felicidade, apesar de todos os contratempos. Faltava dinheiro para prendas e, mesmo na alimentação, o supérfluo podia comprometer os dias seguintes. Uma coisa era certa: nos próximos dias não podia ir ao mar.

A sensação era de vazio e uma profunda tristeza, como quando a maré leva consigo os pedaços de terra. Fitava-lhe a memória dos dias e semanas que passava no mar e trazia consigo o alimento milagroso para saciar a fome e medo de não voltar. Ainda assim, não queria deixar de parte a ideia de um natal feliz em família, ainda que mais contido mas talvez mais vivido.

Entrou em casa, uma sala exígua e dois quartos por onde se distribuía pais e irmãos. A sala era o centro da casa onde tudo acontecia: comiam, conversavam, estudavam, por vezes ria-se, outras chorava-se. Não havia lugar para grandes segredos. Havia algo que Teresa podia fazer para obter dinheiro extra. Olhou para a arca que se escondia na sombra de um esconso. Abriu-a e pôs-se a observar o interior. Sabia o que procurava. Mas teria coragem?

Seria difícil para si tomar aquela decisão. Antes já de rodar a chave e a arca se abrir sentiu escassez no sentimento. A coragem estava presa por um fio, um fio que vinha a guardar no 'Luar' e que não usava na sua cana desde a última pescaria em mar alto. Alto e vivo, trazendo em si o formato de caramulo nas ondas emanadas de sal brilhante. No espanto da observação ingénua mas consciente do que observa na arca, não conseguiu esconder. Uma lágrima...e depois mais outra. Sabia que este Natal teria de ser especial, e ao abrir a arca teria de abrir o seu coração, e despir-se de memórias e deixar-se transparente nos sentidos.

Ali se encontrava o bandolim, as castanholas, o pífaro e um saxofone. Para não falar, do robusto e antiquíssimo livro de receitas da Avó. A Teresa e os irmãos encontravam em cada fatia de bolo e grão de arroz, o refinado sabor que a Avó sempre acariciava em todos os pratos e sabores que lhes apresentava. E no Natal? Era rara a mesa redonda, quadrada, pequena e grande a que faltava os tradicionais doces e se sentia o aroma no ar.

Sacudiu a cabeça na tentativa de afastar as recordações. Considerava a saudade um sentimento difícil de compreender. Umas vezes confortava, outras magoava ainda mais. Revolveu no interior da arca os objetos que se encontravam por cima. Tateou o fundo e sentiu, finalmente, o pequeno saco de couro. Lá dentro esperava encontrar aquilo que permitia proporcionar um Natal decente aos irmãos. Mas havia que decidir.

Por momentos parecia que o Natal se tornaria como pretendia mas por outro...vivenciar e partilhar nestes tempos é tão irreal que o saco de couro permitiu a transparência do seu pensamento e intenção. Foi então que decidiu. Calçou as galochas de meia perna e pé ante pé caminhou, levando consigo o saco de couro encontrado no fundo da arca.



Quando era pequena, ainda mais nova que seus irmãos, a Avó contara que aquele saco era mágico. Mas só podia ser usado em tempos muito difíceis. Teresa parecia ouvir naquele momento a avó, na sua voz doce que fazia lembrar leite-creme:

– Tomem bem nota, meus queridos, este saco foi-me passado pela vossa bisavó com a recomendação de nunca o usarem para futilidades! Ele está na nossa família há gerações e dizem que pertencia a um rei. Oferecera-o a um nosso antepassado em recompensa de um grande feito. Esse longínquo avô era pescador como sempre fomos na nossa família, e salvara um infante que caíra da sua caravela numa noite de tempestade! Teresa recordava aquelas palavras como revivesse as histórias que ouvia em pequena. Levou o saco e pousou-o na mesa da sala. Com todo o cuidado desatou os delicados nós que o apertavam e mantinham fechado.

Tirou do interior uma pequena caixa de música com desenhos de santuários budistas na madeira escura e lustrada, que, quando se abria, uma engrenagem a funcionar surpreendentemente bem deixava soar uma melodia de histórias de adormecer. Pequenos compartimentos levavam o olhar a perder-se como se tratasse de um labirinto. Uma caixa de música e de segredos.

Segredos por desvendar e músicas de embalar que num instante poderiam tornar naquele ano, o Natal de Teresa e da família, num momento especial e transformador. O imaginar da impossibilidade de sentir a magia da noite de natal, causava-lhe estranheza. Estava uma verdadeira confusão! A tristeza pousava-lhe no ombro, como um pássaro junto ao ninho, nos ramos caídos de neve. A ira roçava-lhe nas mangas da camisola como um calafrio nas noites gélidas de dezembro. Sentiu a alegria num sopro de rompante, tratando-se de uma miragem. A ganância sussurrava-lhe ao ouvido como um rouxinol. De certa forma, sempre a atrapalhar, estava a indecisão no que fazer naquele momento. Sem mais demora, o amor sentou-se ao seu colo e num gesto pouco contido, abraçou-lhe parte do coração e da razão.

Teresa, na sua crua e singela ingenuidade mas consciência da situação, sentiu um aperto. Deu asas à sua imaginação e arquitetou um plano natalício. A ideia de ter de ficar sem a caixa deixava-a despedida de nostalgia e riqueza da sua árvore genealógica e encantamento musical...mas e o desfazer-se dela? Foi até junto do cais e sentou-se junto do 'Luar'. Pensou, pensou, pensou... Começou a "lançar as redes", na tentativa de tornar o natal como quando em alto mar, assiste à magnitude e força da corrente e abundância na coragem de voltar a salvo em todos os regressos a casa. Entrou no "Luar". Como estava ancorado alguns dias, sentia-se o cheiro da última pesca, os sussurros das aranhas e as teias a fazerem de cenário em todo o seu redor.



E sentiu, então, como se fosse uma revelação, que aquela caixa era mais do que um legado que valia dinheiro. A caixa significava a faina da pesca que era o mundo da família. Nos bons e nos maus momentos, o mar era a vida dos pescadores. A vida de todas as gerações de antecessores. Não se podia desfazer dela. Fazer isso era como desistir. Era impossível vender o que representava a essência do que eram.

E assim, naquela noite junto à recatada lareira e depois da ceia de natal, encontraram naquela caixa o melhor momento daquele natal. Histórias, memórias e uma sonoridade na melodia que soava do seu interior. Um natal dedicado à faina, a sua verdadeira origem. Uma memória e relíquia, que tornou aquele natal mais mágico e rico em união, recordações e emoções cativantes.



## SINOPSE

Uma história sem pretensões, cujo fim concilia a magia do natal com a realidade mais nua dos dias. Escrita a dois, sempre na expectativa do desafio mútuo.

